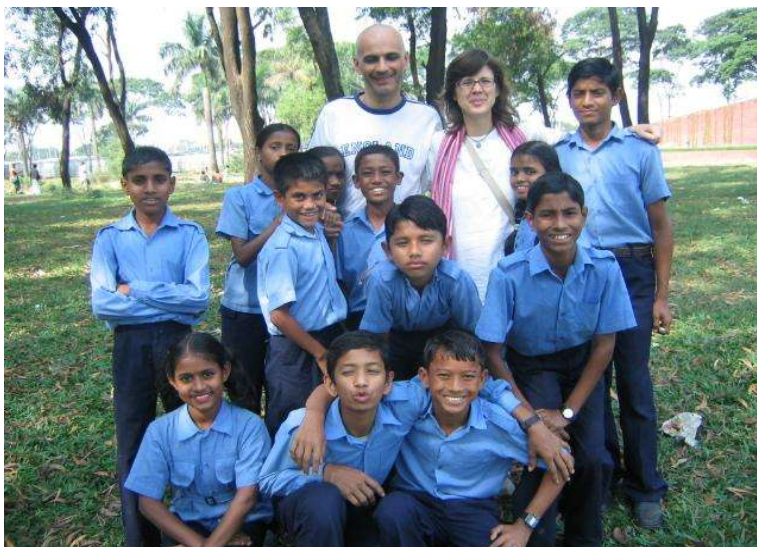


Dia 7 de Dezembro - A Sofia e o Vítor foram dar um passeio com as crianças e visitaram as origens de algumas delas:

Hoje saímos de autocarro com 15 crianças, em direcção ao centro da cidade. O objectivo era visitar o museu central mas como era Sexta-Feira estava fechado. Pois a Sexta é o equivalente ao Domingo, aqui... fomos então lanchar perto da Assembleia, no meio de um jardim. Aí fomos abordados por uma adolescente que queria saber o que eram essas crianças e o que fazíamos ali... explicamos então o que era o Dhaka Project, de onde vimos e apresentamos um colega voluntário o Rian que vinha do Dubai. Os pais juntaram-se à filha e ficaram fascinados com o projecto, deixaram-nos os seus contactos.

No meio do piquenique o espírito de partilha foi constante. Algumas pessoas vieram mendigar, a pedirem alguma da nossa fruta ou bolachas, as crianças quiseram logo dar a sua parte... o pouco que têm estão sempre a oferecer.

Acabado o lanche fomos então ao parque de atracções que fica perto de um mercado de flores lindíssimo onde são decorados carros e feitas reais obras de arte em flores. Mas infelizmente só abria mais tarde... então levámos as crianças pelas margens do rio do



Dhaka... no meio da confusão do trânsito, parámos várias vezes, pois as crianças não estão habituadas a andar de carro e os enjões são frequentes. Deparamos com uma paisagem ainda mais longínqua da nossa... os bairros que até agora conhecemos não têm nada a ver com o que vimos... bairros de lata de onde foram tirados 40 famílias pela Maria, algumas das crianças ainda têm amigos e família nestes bairros. Aqui as pessoas não têm nada, o pouco é aproveitado para tudo, desde tiras de tecidos que são recolhidas para serem usadas... a cozinha é um simples buraco no chão, existe uma única sala onde todos dormem... a nossa chegada foi acolhida de braços abertos e com todo o carinho dessas pessoas que só tem para oferecer o seu sorriso e a sua gentileza.

Perguntaram todos por Maria, a qual não nos acompanhava nesses dias, mas estavam felizes de verem as crianças que vivem agora no Dhaka Project (com os pais). Regressando para os autocarros, fomos então almoçar num restaurante tradicional, os vizinhos do lado perguntaram-nos mais uma vez quem éramos, pedindo se nós cantávamos ou dançávamos.

Elogio a Zidane com o qual o Vítor pelos vistos se parece (está de cabelo rapado!). Trabalhadores numa fábrica de tecidos, cujo essencial do trabalho é para a Zara e Bershka, são cerca de 1200 pessoas a trabalhar numa só fábrica e segundo o parecer destes 5 rapazes o seu nível de vida era bem superior ao que se pode encontrar nesta região do mundo. No Bangladesh as pessoas vivem de tudo o que é possível recuperar, existem pequenas lojas de tudo. Todos os pequenos trabalhos são bons para sobreviver, sendo a esperança de vida de 50 anos segundo dizem, ter saúde é viver e uma dádiva do Céu. Tudo o resto é acessório, daí provavelmente a essência da felicidade. Após

um almoço rico em especiarias, em arroz e em sopa de feijão, a cozinha Bangla é fantástica pela sua fineza no seu sabor e diversidade nos aromas, apesar da falta de alimentos, comer é sempre uma festa.



Voltámos para os nossos autocarros a caminho dos sítios onde poderíamos levar as crianças a passear de barco. Entrámos em embarcações tradicionais pequenas cobertas de palha para fazer um 'tour' no rio onde a actividade é mais que muita, entre os pescadores, os barcos que recolhem petróleo por via de oleodutos suportados por canas de bambus, as fábricas de tijolo nas bermas, os pequenos restaurantes, as equipas de filmagem, as pequenas fábricas de madeira e de bambu, os arrozais, o rio que faz viver milhares

de pessoas e tudo o que o rio pode dar é recuperado, tratado e vendido.

Cidades inteiras de chapas de zinco vivem em cima de pilares frágeis e que serão varridos ao menor tufão, ou a uma monção mais forte.

A alegria do passeio de barco ao pôr do sol foi inenarrável, todos cantavam, e queriam tirar fotos, uma das meninas mergulhou a mão na água e recolheu búzios, mais uma dádiva desse rio que alimenta e lava todo este povo.

Regressámos tarde e cansados, com alegria, cantando e batendo palmas ao som da musica local do radio do autocarro... não sei quem ficou mais alegre de ter passado este dia. Se fomos nós que voltámos a espontaneidade e ao espirito jovial da infância, partilhando coisas simples da vida. Ou se foram as crianças que tiveram oportunidade de conhecer um barco, de visitar o centro da cidade e de ter adultos ao seu lado que lhes ensinaram novos jogos e os acompanharam na descoberta de um mundo que pouco conhecem (ex o simples facto de no fim do lanche recuperar as embalagens, os sacos de papel e deitar no lixo.)

No final deste dia, aprendi mais uma coisa; ser Baloo (estar bem / ok) é uma alegria.

Inch Ala